

PASSOS PARA A DIVERSIDADE: DANÇA E SÍNDROME DE DOWN

RACHEL CAMPOS ALBAINI DA SILVA¹; ALINE NUNES DA CUNHA MEDEIROS²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – rachelalbaini@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – alinencm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o potencial da dança como uma ferramenta de inclusão e desenvolvimento para indivíduos com síndrome de Down. Segundo Rangel (2017), a trissomia do cromossomo 21, popularmente conhecida como síndrome de Down, decorre de uma alteração genética resultante de uma falha na segregação celular durante o processo de divisão embrionária. Indivíduos com a síndrome apresentam não dois, mas sim três cromossomos no par 21, que é o menor par de cromossomos humanos. Entre os sintomas observados em pessoas com a síndrome, a hipotonia muscular é uma das manifestações mais frequentes, levando a uma redução da força muscular que pode dificultar a realização de várias atividades cotidianas.

Contudo, apesar das adversidades que as pessoas com a trissomia do cromossomo 21 enfrentam em suas vidas, a dança emerge como uma valiosa aliada no aprimoramento das capacidades cognitivas e motoras, ao mesmo tempo que desempenha um papel significativo na promoção da socialização.

Considerando essas informações, este estudo visa investigar como a dança afeta a qualidade de vida das acadêmicas com síndrome de Down do curso superior de licenciatura em dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), bem como analisar seus impactos nas habilidades cognitivas, motoras e sociais.

Para preservar a identidade das acadêmicas de dança, optei por utilizar a seguinte codificação neste trabalho: acadêmica A, ingressou na universidade em 2018; acadêmica B, ingressou na universidade em 2020.

2. METODOLOGIA

A abordagem deste trabalho caracteriza-se por ser qualitativa, uma vez que tem como objetivo capturar experiências e vivências singulares e distintas. Conforme Gerhardt e Silveira (2009) destacam, esse método de análise não se baseia em dados quantitativos, mas sim na compreensão de realidades que não podem ser quantificadas.

No entanto, este estudo explora um processo em que minha função como tutora estava intimamente ligada à minha posição de pesquisadora, visto que este trabalho propõe analisar a dança como uma ferramenta de inclusão e desenvolvimento para indivíduos com síndrome de Down. Devido a este fato, venho a integrar juntamente às alunas do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) com a trissomia do cromossomo 21 na posição de sujeito de pesquisa, pois neste contexto me dispunha na condição de tutora dos indivíduos.

Para a realização deste estudo, investiu-se na pesquisa de observação participante como técnica de coleta de dados, semelhante à observação simples, não sendo fácil por vezes distingui-las. Contudo, Gil (2008) afirma:

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. (GIL, 2008, p.103)

Desta forma, percebe-se através da colocação do autor que a pesquisa de observação participante tem como característica principal a imersão do pesquisador no grupo. Partindo desta intenção, optei por me apoiar nesse método de pesquisa, haja vista o longo período de tempo que pude observá-las como tutora e como colega.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da admissão de duas discentes com síndrome de Down no curso superior de licenciatura em dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) nos anos de 2018 e 2020, professores e alunos da graduação mudaram sua perspectiva sobre dança e sobre a trissomia do cromossomo 21.

No primeiro semestre do ano de 2018, os docentes do curso de licenciatura em dança enfrentaram uma situação surpreendente, pois não sabiam como ensinar e integrar uma pessoa com síndrome de Down, o que frequentemente tornava a inclusão uma tarefa desafiadora. Ao aprofundar seus conhecimentos sobre a deficiência da acadêmica, os corpos docentes e discentes mudaram sua perspectiva sobre a síndrome de Down e passaram a reconhecer que a dança é capaz de superar barreiras comunicativas, necessitando apenas do corpo em movimento para estabelecer conexões significativas.

No presente semestre, as acadêmicas A e B matricularam-se, respectivamente, nos componentes curriculares “Montagem Cênica II” e “Composição Coreográfica II”, no qual requer que o aluno tenha conhecimento e vivências prévias sobre dança para coreografar. Além disso, é fundamental que pelo menos três alunos integrem o espetáculo como parte do elenco e, por intermédio da ajuda de professores e da tutora, quatro bailarinos estão presentes na montagem cênica da acadêmica A e nove na composição da acadêmica B. Doravante às práticas em aula, as acadêmicas com trissomia do cromossomo 21 tiveram a oportunidade de interagir com o seu elenco e compartilhar seus conhecimentos em técnicas de dança. Ademais, tanto os estudantes quanto os professores manifestaram satisfação em ajudar as acadêmicas com a criação das coreografias, emocionando-se com o processo durante as aulas.

Ao longo do semestre, observou-se que a dança desempenhou um papel fundamental na vida das acadêmicas com Síndrome de Down, permitindo-lhes que interpretassem os movimentos solicitados em aula de maneira única, o que, por sua vez, promoveu o desenvolvimento de habilidades motoras, incluindo coordenação, equilíbrio e destreza. Por conseguinte, professores e alunos do curso constataram que a dança é uma ferramenta inclusiva de arte que pode ser apreciada e praticada por pessoas com trissomia do cromossomo 21, proporcionando-lhes inúmeros benefícios físicos, emocionais e sociais.

4. CONCLUSÕES

A dança assume um papel transformador na vida das acadêmicas com síndrome de Down, permitindo-lhes ressignificar suas experiências e fortalecer sua autoestima. Através da dança, elas encontram um meio de comunicação não verbal, onde podem expressar-se livremente sem limitações linguísticas ou barreiras comunicativas. Essa forma de arte proporciona explorar o corpo que dança, descobrindo novas formas de interagir consigo mesmo. Através desse canal de expressão artística, elas superam desafios, aprimoram o trabalho em equipe, se conectam com outras pessoas e desenvolvem significativamente suas habilidades cognitivas e motoras. Através das aulas práticas do curso superior de licenciatura em dança, observou-se que a dança é um papel de comunicação universal, pois permite que o corpo em movimento se conecte com outras pessoas e ultrapasse preconceitos, tornando-se inclusiva. A dança é uma grande aliada para a aceitação e o empoderamento ao permitir que pessoas com síndrome de Down sejam vistas e ouvidas, independentemente de suas habilidades físicas ou cognitivas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Métodos de pesquisa. [organizado por] GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T.; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica, Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. 1. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. Cap.2, p. 33-34. ISBN 978-85-386-0071-8. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 16 de jun. de 2023

RANGEL, G. A. Um estudo sobre aquisição da escrita e síndrome de Down. *In*: MIRANDA, A.R.M.; CUNHA, A.P.N.; DONICHT, G. **ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**. Pelotas: Editora UFPel, 2017. Cap.18, p. 391-392. ISBN: 978-85-517-0018-1